

DÍVIDA EXTERNA

ESTADO DE SÃO PAULO

21 ABR 1991

Camdessus quer diálogo com Brasil

Diretor-gerente do FMI é partidário da normalização das relações com o País

PAULO SOTERO
Correspondente

WASHINGTON - O diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional, Michel Camdessus, afirmou que, quanto mais o Brasil adiar um esforço decidido contra a inflação, maiores serão o sofrimento das pessoas nas favelas do Rio de Janeiro e o custo para o País. A declaração, feita ao *Estado* na sexta-feira, representa importante indicação do teor das conversas que o chefe do FMI terá neste fim de semana com a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, em Washington. Camdessus disse estar certo do empenho da ministra em tentar recriar condições para o crescimento econômico no Brasil e mostrou-se esperançoso com a retomada do diálogo com o País, interrompido em setembro passado, quando os governos dos países industrializados condicionaram um acordo entre Brasília e o Fundo à resolução do problema dos juros atrasados com os bancos.

Contudo, altos funcionários do Fundo não escondem sua perplexidade com as declarações que Zélia e seus assessores têm feito, nas últimas semanas, prevendo enormes dificuldades na negociação de um acordo com o FMI. No domingo passado, a ministra da Economia disse, no Japão, que os entendimentos com o Fundo seriam demorados porque o governo, que há um ano prometeu inflação zero ao País, constatou que as taxas de custo de vida do Primeiro Mundo são inexequíveis no Brasil e quer, agora, ter uma discussão exaustiva com o Fundo sobre a natureza do processo inflacionário brasileiro.

Dois dias depois, depondo no Senado, o presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, disse que o Fundo estaria exigindo do País uma inflação de



Reuter

Camdessus: "Adiar combate à inflação é aumentar sofrimento dos mais pobres"

2% ao mês, uma taxa impossível. O negociador da dívida externa, Jório Dauster, insistiu no tema e comparou o Fundo a uma velha senhora que, com o passar dos anos, ficou muito exigente. O Brasil ocupa uma das diretorias permanentes na instituição.

Essas declarações não caíram bem em Washington. "Eles não deveriam fazer essas afirmações antes de conversar conosco", afirmou um alto funcionário da organização multilateral. As previsões de dificuldades com o Fundo não terão maiores consequências se expressarem apenas o desejo do governo de não criar expectativas exageradas a respeito do acordo. Mesmo nesse caso, porém, teme-

se que, ao acentuar as exigências do FMI, a equipe econômica esteja reinventando a síndrome do Fundo no Brasil, que ajudou a sepultar no ano passado, e acabe reduzindo seu próprio espaço político na negociação.

Se, no entanto, as declarações oficiais forem indicio do desejo do governo de vender a Camdessus a tese do combate gradual à inflação, a conversa ficará, de fato, muito difícil. É até possível que nem comece. Isso ficou evidente na reação de uma importante autoridade monetária internacional a um relato das afirmações recentes da ministra a respeito da inviabilidade de taxas de inflação do Primeiro Mundo no Brasil e das pre-

visões oficiais sobre as dificuldades nas conversas com o Fundo.

"Se o que você está me dizendo é verdade, então não vai ser nada fácil, porque o que você está sugerindo é que o Brasil tem um tipo de doença especial, sofre de uma espécie de fatalidade grega que o condena a ter a inflação mais alta do mundo, uma inflação que não deve ser corrigida no curto prazo", disse a fonte. "Se isso for verdade, então não sei se deveríamos começar a discussão."

Em janeiro do ano passado, Camdessus disse que freqüentemente a escolha entre o gradualismo e o choque é uma opção entre o passado e o futuro (ver abaixo). De lá para cá, Camdessus apenas reforçou sua convicção nos programas de ajustamento que tratam das dificuldades econômicas pela raiz. Ele acredita que as numerosas experiências bem-sucedidas que o Fundo teve recentemente em várias partes do mundo com esse tipo de abordagem não deixam dúvidas sobre a possibilidade de um país como o Brasil superar suas dificuldades usando a mesma receita.

Para o Fundo, o êxito da luta contra a inflação depende do desenho do programa, do empenho das autoridades em executá-lo e de sua capacidade para explicar à opinião pública os esforços necessários para se chegar à estabilidade. "Quanto mais cedo o programa for lançado, melhor para o Brasil", disse uma alta fonte do FMI.

Camdessus aplaudiu o recente acordo sobre os juros atrasados entre o governo e os bancos credores, que removeu uma das causas do aborto do programa que o Brasil negociou no ano passado com o FMI. Não existem, porém, no Fundo, dúvidas sobre as razões que provocaram o fracasso do Plano Collor. Uma das mais importantes, afirmou um alto dirigente da instituição, foi a rapidez com que, diante das primeiras dificuldades, as autoridades renunciaram à utilização de elementos-chave de uma política efetiva de estabilização.